

Evento: XX Jornada de Extensão

**O PEDAGOGO EM ESPAÇOS EDUCATIVOS NÃO-FORMAIS: REFLEXÕES
SOBRE PRÁTICA EDUCATIVAS COM CRIANÇAS NO MUNICÍPIO DE
AJURICABA¹**

**PEDAGOGUE IN NON-FORMAL EDUCATIONAL AREAS: REFLECTIONS ON
EDUCATIONAL PRACTICE WITH CHILDREN IN THE CITY OF AJURICABA**

**Adriele Heck Rigotti², Diessica Michelson Martins³, Daniela Pristot
Lausch⁴, Aline Bárbara Schmeling Wichnieski⁵**

¹ Estudo desenvolvido na disciplina de Práticas Educativas em Espaços Não-Escolares, orientado pela professora Lidia Inês Allebrandt.

² Aluna do Curso de Graduação em Pedagogia da Unijuí, adrielerigotti22heck@gmail.com

³ Aluna do Curso de Graduação em Pedagogia da Unijuí, diessica@outlook.com

⁴ Aluna do Curso de Graduação em Pedagogia da Unijuí, danilausch@outlook.com

⁵ Aluna do Curso de Graduação em Pedagogia da Unijuí, alinewichnieski11@gmail.com

INTRODUÇÃO

O egresso do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI) é capacitado para atuar em escolas e em ambientes não escolares, onde sejam previstos conhecimentos pedagógicos. Para que o Pedagogo tenha essa capacitação, durante a graduação há disciplinas que promovem encontros entre a teoria e a prática. A disciplina de “Práticas Educativas em Espaços Não Escolares”, qual foi ministrado pela Professora Me. Lídia Inês Allebrandt, proporcionou o desenvolvimento de uma prática nesse mesmo viés, que foi desenvolvida em três dias no período de férias com crianças de 4 a 12 anos de idade, moradoras de um bairro do município de Ajuricaba. O projeto que norteou as atividades foi em conjunto com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município referido, que teve como principal intenção conhecer a educação não-formal diferentes áreas que o pedagogo pode atuar.

METODOLOGIA

Teoria e prática se fizeram presentes para que houvesse a familiarização com o tema de “práticas em espaços não escolares”. As práticas foram desenvolvidas com crianças de 4 a 12 anos de idade, pertencentes a um bairro do município de Ajuricaba, fazendo com que a abordagem da reflexão torna-se uma pesquisa-ação. Para a análise das ações foram utilizados fundamentos teóricos de pesquisadores que discutem sobre a educação não formal, tais como Libâneo (2010), Melro e Silva (2018), Brasil (1990, 2006 e 2017) e Corsino (2007).

RESULTADO E DISCUSSÃO

A pedagogia é um campo diversificado, pois, o profissional dessa área não atua somente como

Evento: XX Jornada de Extensão

docente, possuindo além do ambiente escolar, diversos campos de atuação. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, é um documento de valia para compreender as áreas de atuação do pedagogo, afirmando que este pode atuar na

Art. 2º(...) formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (BRASIL, 2006, p.1)

A DCNCP garante que os egressos do curso de Pedagogia possam atuar em diferentes campos que compreendam a

Art. 4[...] Parágrafo único. Participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando: I-planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação; II- Planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares; III- Produção e difusão do conhecimento científicos-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares (Idem, p. 2).

O pedagogo pode exercer sua profissão além dos muros das escolas, e aos poucos está sendo procurado por diversos setores dentro da sociedade, para exercer práticas educativas no âmbito da educação não-formal. A Educação não-formal, como escreve Libâneo “[...] seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação” (2010, p.31).

No Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, mais precisamente, no Capítulo II - *Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade*, define no Art. 16:

Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

- I - Ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;
- II - Opinião e expressão;
- III - crença e culto religioso;
- IV - Brincar, praticar esportes e divertir-se;
- V - Participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação;
- VI - Participar da vida política, na forma da lei;
- VII - buscar refúgio, auxílio e orientação. (ECA, 1990, grifo nosso).

Foi com base nos aspectos grifados que a prática da disciplina “Práticas Educativas em Espaços Não Escolares” se desenvolveu. Foram três dias de contato direto com as crianças, proporcionado atividades que elas pudessem opinar, se expressar, brincar, praticar esportes e se divertir. A partir disso, algumas experiências da prática serão elencadas.

Para iniciar as atividades foi imprescindível rodas de conversas, pois, estas possibilitam a criação

Evento: XX Jornada de Extensão

do vínculo afetivo entre as crianças e as realizadoras das práticas. Silva e Mero escrevem sobre a roda:

A roda como um espaço de diálogo e conversa é um costume muito antigo entre as pessoas, entre os diferentes grupos humano. Sua composição proporciona algo que só é possível por ser esta como é. Ela remete a uma linguagem que fala mais que palavras: o olho no olho! Somente disposto em Roda, é possível estar e contato com o olhar do outro. [...] pode-se entendê-la como uma proposta de diálogo horizontal em que o direito a fala é um dos pontos mais relevantes e respeitado, o qual se equipara ao direito de ser ouvidos pelos participantes. (SILVA; MELRO, 2018, p. 143-44).

É possível perceber que a roda fortalece ainda mais o aspecto II do Art. 16 do ECA, o qual antes foi citado, pois, garante que cada sujeito envolvido tenha o direito de se expressar, opinar, mas também, o dever de ser ouvinte. Afinal, é preciso ter claro que para usufruir dos direitos, é necessário cumprir com deveres, pois ambos fazem parte da vida social dos sujeitos.

O pedagogo, ao atuar em espaços não escolares, pode desenvolver trabalho em lares de crianças ou idosos, em empresas, hospitais, em projetos, etc. A atuação aqui apresentada se refere a projetos, estes que também envolveram práticas que são muito valorizadas em espaços escolares, como por exemplo, as contações de história, as quais foram realizadas todos os dias das práticas. Como afirma Pedroso:

Toda criança tem o direito de ser feliz. E, para ser feliz, precisa sonhar, imaginar, brincar, fazer de conta, sentir a vida em toda a plenitude, ter alguém que a escute, que esteja presente em seus momentos de alegria, tristeza, dor e medo, alguém que a compreenda em suas necessidades e, principalmente, que lhe conte muitas histórias (2004, p. 27).

No decorrer da prática foram utilizadas diversas histórias como: “Nicolau Tinha uma ideia” de Ruth Rocha, “O grande rabanete” de Tatiana Bolinky e “Pedro vira porco espinho” de Janaina Tokitaka. Destaca-se a última história, que em síntese, fala sobre um menino chamado Pedro que virava porco-espinho quando as coisas não aconteciam como ele queira, mas quando, “se abre o sol de repente, ganha bolo de chocolate, abraço apertado de vó ou joga bola com o vizinho, Pedro desvira porco-espinho rapidinho, rapidinho”. Esse conto, gerou uma conversa sobre quando eles “viravam porco-espinho”, a resposta que mais se secundou foi “quando eu tenho que trabalhar em casa” e que eles desviravam porco-espinho quando podiam brincar.

Deixa-se claro que o intuito do presente texto não é criticar as diferentes realidades, mas sim as conhecê-las. A maioria dos pais das crianças trabalham fora de casa, seja meio turno ou integral, então as crianças mais velhas são responsáveis pela limpeza de suas casas. Muitas destas casas do bairro têm pouca distância uma das outras, o que promove uma sensação de segurança aos pais, afinal, sempre há alguém cuidando de seus filhos. Entretanto, essa foi uma das preocupações do CRAS: promover um espaço onde essas crianças pudessem ir no período de férias, ou seja, foi de grande importância, pois, possibilitou um lugar onde a família também soubesse que as crianças

Evento: XX Jornada de Extensão

estivessem seguras.

É necessário que seja possibilitado um espaço de qualidade, onde as crianças se sintam encorajadas, podendo se expressar sem medo, como argumenta Corsino:

As condições do espaço, organização, recursos, diversidade de ambientes internos e ao ar livre, limpeza, segurança etc. são fundamentais, mas são as interações que qualificam o espaço. Um trabalho de qualidade para as crianças nas diferentes áreas do currículo exige ambientes acolhedores, seguros, encorajadores, desafiadores, criativos, alegres e divertidos nos quais as atividades elevem sua autoestima, valorizem e ampliem as suas leituras de mundo e seu universo cultural, agucem a curiosidade, a capacidade de pensar, de decidir, de atuar, de criar, de imaginar, de expressar; nos quais jogos, brincadeiras, elementos da natureza, artes, expressão corporal, histórias contadas, imaginadas, dramatizadas, lidas etc. estejam presentes. (2007, p.67).

As brincadeiras são meios naturais que permitem à criança se expressar, libertar os sentimentos e se sentir livre, e de certa forma, não trabalha apenas uma capacidade, mas várias, como percepção motora, equilíbrio e orientação. Pensando nisso, foi proposto uma gincana, com diversos tipos de brincadeiras, como por exemplo, a corrida do saco, ovo na colher, cabo de guerra, corrida de três pernas, entre outras. Como afirma a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física (BRASIL, 2017, p. 38)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto foi desenvolvido pensando em brincadeiras, experiências e momentos de interação para todas as crianças, já que haviam diferentes faixas etárias. Possibilitamos que cada uma desenvolvesse essas ações, de acordo com seu tempo e espaço, se sentindo à vontade e

Evento: XX Jornada de Extensão

pertinentes, sempre buscando o diálogo como uma forma de saber o que as crianças pensam. Essa prática teve grande significação a nós como futuras pedagogas, fazendo compreender e encarar as diferentes realidades das crianças fora do ambiente escolar. Com isso, trazendo o lúdico como uma forma de levar a eles a diversão, brincadeira, interação com outro, como também, mudar a rotina de sempre, colocando um pouco de nossas teorias em prática. Outro fator que percebemos é o quanto é imprescindível a formação do educador voltada para a atuação em diferentes contextos culturais e sociais, destacando, portanto, a formação generalista desse profissional, ampliando assim sua visão de mundo. Existem diversas possibilidades de ensino-aprendizagem que estão em todas as partes, não somente dentro das salas de aula. Além disso, sabe-se que é muito importante o trabalho pedagógico em qualquer espaço escolar como também não-escolar.

Palavras-chave: Educador. Desenvolvimento humano. Práticas não-escolares.

Keywords: Educator. Human development. Non-school practices.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 1990 - ECA. Brasília, DF. BRASIL, MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP 1/2006. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006.

BRASIL, Base Nacional Comum Curricular. Educação é a base. Versão 3, Brasília, 20/12/2017.

CORSINO, Patrícia As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. (Orgs). Ensino fundamental de nove anos : orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. -Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos, para quê?. Cortez, 2010. In: ALLEBRANDT, Lúcia Inês. Materiais de aula: Práticas educativas em espaços não escolares. Ijuí, UNIJUI, 2019.

MELRO, Renata dos Santos; SILVA, Andréa Gonçalves. Rodas de conversa: Uma escuta sensível às vozes das crianças. In: TAVARES, Maria T. G; CARREIRO, Heloisa J. S. (Orgs). Estudos e pesquisas com o cotidiano da educação das infâncias em periferias urbanas. Pedro & João Editores São Paulo, 2018.